



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE

CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 29/05/2020



ONU apoia projeto de lei que prevê suspensão de patentes para resposta à COVID-19 no Brasil

Representantes do Sistema ONU no Brasil entregaram na quinta-feira (28) durante reunião em Brasília (DF) com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, carta e parecer técnico em apoio a um projeto de lei que propõe a suspensão temporária de patentes para ampliar o acesso a tecnologias de saúde usadas no enfrentamento da COVID-19.

A reunião foi organizada pela Comissão Externa para Ações Preventivas do Coronavírus no Brasil (CEXCORVI) da Câmara dos Deputados e teve a presença do coordenador-residente da ONU Brasil, Niky Fabiancic, da representante da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Socorro Gross, e do diretor interino do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), Cleiton Euzébio, e dos deputados federais Alexandre Padilha, Carmem Zanotto e Dr. Luiz Antonio Teixeira Junior.

O projeto de Lei 1.462/2020 propõe a suspensão temporária de patentes sobre toda e qualquer tecnologia em saúde que possa ser usada contra a pandemia, com o objetivo de dar mais rapidez ao acesso a tecnologias úteis para a contenção da COVID-19.

Na reunião, o coordenador-residente da ONU Brasil cumprimentou o presidente da Câmara em nome do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, e da equipe de país da ONU no Brasil, e entregou a carta de apoio à aprovação do projeto.

“O Sistema ONU no Brasil considera que o PL 1.462/2020 poderá contribuir para o fortalecimento das capacidades de planejamento e resposta do sistema de saúde diante de emergências, de forma transparente e previsível, garantindo que a produção, importação ou venda de material sanitário para atender emergências de

saúde pública não se veja obstaculizado pela existência de monopólios legais”, afirmou o documento.

A carta destacou ainda que os dispositivos propostos pelo PL estão alinhados com a discussão internacional sobre a pesquisa e o desenvolvimento de produtos sanitários relacionados com a COVID-19. Outros países já adotaram medidas legislativas visando aprimorar o uso de licenças compulsórias no contexto de emergências de saúde pública, como Canadá, Alemanha, Equador e Chile.

“Entre os mecanismos concretos para garantir a disponibilidade e acessibilidade de tecnologias de saúde para a prevenção, diagnóstico e tratamento da COVID-19 no menor tempo possível, está o compartilhamento voluntário ou compulsório de licenças (propriedade intelectual), conhecimento, dados e tecnologias relacionados à COVID-19, a fim de garantir que qualquer nação possa produzir ou comprar equipamentos de proteção individual, vacinas, diagnósticos e tratamentos.”

Para a ONU Brasil, a aprovação do projeto permitiria ao país ter acesso a produtos que poderão prevenir, diagnosticar e tratar a infecção pelo novo coronavírus imediatamente após sua entrada no mercado farmacêutico a preços acessíveis, e ao mesmo tempo promover a capacidade nacional de pesquisa, desenvolvimento e produção de tecnologias fundamentais para a proteção da saúde pública.

A representante da OPAS/OMS também entregou ao presidente da Câmara dos Deputados parecer técnico favorável ao PL, e ressaltou o papel importante que o Brasil sempre teve em defesa dos bens públicos. Segundo ela, o país pode contribuir com sua liderança na luta por uma vacina acessível para todas e todos.

O coordenador-residente da ONU Brasil também informou brevemente o presidente da Câmara sobre as iniciativas das Nações Unidas em resposta à COVID-19 no país. As áreas de atuação dessas iniciativas envolvem saúde, proteção social, resposta e recuperação econômica, resposta macroeconômica, colaboração multilateral, coesão social e **resiliência comunitária**.

FONTE: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2242787>



Países do Sul Global compartilham conhecimentos científicos sobre COVID-19 em portal da UNESCO

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e seus parceiros organizaram um webinar no início de maio (6) para divulgar o portal COVID-19 Universal REsource (CURE) com partes interessadas do sul e do sudeste da Ásia, bem como da América Latina.

O direito de acesso à informação tornou-se mais relevante do que nunca na luta contra a pandemia da COVID-19. Compartilhar pesquisas científicas e inovações revisadas por pares é fundamental para se encontrar uma vacina, formular medidas efetivas de saúde pública e abordar as realidades pós-pandemia.

Isso exige que pesquisas científicas e informações sobre inovações possam ser localizadas, acessadas, operadas em conjunto e reutilizadas. Também é essencial que os princípios de acesso aberto e inclusão recebam apoio.

O recente webinar foi organizado para mostrar o portal (gateway) universal de recursos sobre a COVID-19 (COVID-19 Universal Resource gateway – CURE), como um exemplo de iniciativa de acesso aberto (Open Access).

A professora Devika Madalli, do Indian Statistical Institute, declarou que o portal coletará informações verificadas e com licenças de acesso aberto sobre todo o ciclo de vida da pandemia, a partir de várias fontes, e as apresentará em um site fácil de usar.

Vários participantes destacaram a importância desse portal e a necessidade de adaptá-lo às demandas das sub-regiões, no sentido de refletir diversos recursos linguísticos sobre o vírus e os contínuos esforços locais de pesquisa.

O portal CURE, uma iniciativa conjunta entre UNESCO, Indian Statistical Institute e Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc), também mostra a importância da Cooperação Sul-Sul na promoção do acesso aberto.

O site e outros sistemas de inteligência artificial (IA) que coletam automaticamente informações online sobre assuntos específicos serão, ao final, integrados ao Global Open Access Portal (GOAP), que oferece uma visão mundial sobre o acesso aberto e suas iniciativas, assim como defende as políticas bem-sucedidas para promover o acesso aberto de informações científicas.

Os participantes também discutiram a relevância e os novos recursos potenciais do GOAP, como um fluxo de trabalho não comercial de acesso aberto, que “[economizaria] custos significativos na produção de periódicos em favor da publicação sem fins lucrativos e [...] manteria a publicação de periódicos nas mãos de acadêmicos e do setor sem fins lucrativos”, disse a professora Arianna Becerril Garcia, diretora-executiva da Redalyc.

O professor A.R.D. Prasad, do Indian Statistical Institute, também compartilhou um canal de aprendizagem do Open Access Portal que inclui vídeos educacionais curtos sobre acesso aberto.

No final do webinar, Hezekiel Dlamini, do Escritório Cluster da UNESCO de Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal e Sri Lanka, destacou como o portal CURE e outros recursos do GOAP reforçam o apoio e a Cooperação Sul-Sul. Bhanu Neupane, da sede da UNESCO, convidou especialistas e instituições interessadas a unirem esforços para contribuir para a melhoria do GOAP.

Durante e após a crise da COVID-19, a UNESCO continuará a defender o acesso aberto e desenvolverá as capacidades dos Estados-membros para tomar medidas concretas rumo ao acesso universal à informação e ao conhecimento, inclusive por meio de soluções abertas, como o acesso aberto e os dados abertos.

Para obter mais informações e se unir à iniciativa para aprimorar o GOAP e avançar na promoção do Movimento de Acesso Aberto, entre em contato com Bhanu Neupane (UNESCO CI/UAI), b.neupane@unesco.org.

FONTE: <https://pt.unesco.org/news/unesco-promove-colaboracao-sul-sul-no-compartilhamento-conhecimento-covid-19>



IBICT e UNESCO lançam portal com informações científicas sobre COVID-19 em acesso aberto

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em parceria com a UNESCO no Brasil, lançou na quarta-feira (20) o portal Ciência Aberta é Vida, que reúne fontes de informação científica nacional e internacional, em acesso aberto, com conteúdo sobre a COVID-19.

Além dos artigos científicos já publicados e outros ainda inéditos, o diretório apresenta dados de pesquisas, ensaios clínicos, teses, dissertações e outros materiais referentes à produção dos pesquisadores do mundo todo.

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em parceria com a UNESCO no Brasil, lançou na quarta-feira (20) o portal Ciência Aberta é Vida, que reúne fontes de informação científica nacional e internacional, em acesso aberto, com conteúdo sobre a COVID-19.

Além dos artigos científicos já publicados e outros ainda inéditos, o diretório apresenta dados de pesquisas, ensaios clínicos, teses, dissertações e outros materiais referentes à produção dos pesquisadores do mundo todo. O portal estará disponível em três línguas: português, inglês e espanhol ([acesse aqui](#)).

Também será lançado um repositório de pré-impressões (chamados preprints), criado para agilizar a publicação de resultados de pesquisas. A ideia surgiu a partir de demandas espontâneas de alguns editores científicos brasileiros, que perceberam a necessidade de dar visibilidade às suas produções com mais rapidez, sobretudo diante da pandemia de COVID-19.

Diferentemente de outros repositórios de pré-impressão existentes, este se destaca porque os depósitos são feitos pelos editores da revista, que fazem uma avaliação prévia da natureza científica dos artigos.

“Este é um grande passo para o compartilhamento de informações sobre a pandemia da COVID-19, que vai ao encontro dos esforços que vêm sendo feitos pela UNESCO e todos os seus escritórios para promover a cooperação técnico-científica internacional contra a pandemia”, destaca a diretora e representante da UNESCO no Brasil, Marlova Jovchelovitch Noletto.

“Mecanismos de ciência aberta, como os lançados recentemente pelo IBICT e MCTIC (Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações), constituem importantes contribuições para a livre troca de conhecimentos e pesquisas científicas sobre o novo coronavírus.”

O Ciência Aberta é parte de uma ação desenvolvida pelo IBICT e o MCTIC, que colocará na Internet outros espaços de livre acesso com informações sobre o coronavírus.

Um deles é a Rede Vírus MCTIC, com atividades promovidas pelo ministério; outro é o Infográfico Interativo, que permite a visualização de dados relacionados à COVID-19; já o Universo Científico apresenta as ações de disseminação de informações científicas para pesquisadores; e o Ciência em Casa MCTIC traz atividades científicas, jogos e informações destinados a levar à população o conhecimento científico de forma lúdica.

FONTE: <http://diretoriodefontes.ibict.br/coronavirus/>



Organización
Internacional
del Trabajo



CEPAL e OIT enfatizam importância de priorizar políticas de saúde e segurança no trabalho

Além de fornecer estimativas sobre a dinâmica do mercado de trabalho nos últimos meses, o relatório conjunto de Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e Organização Internacional do Trabalho (OIT) explora algumas das políticas implementadas pelos países para proteger o setor produtivo, o emprego formal, preservar a renda dos trabalhadores e das trabalhadoras na economia formal e informal, em meio à pandemia.

É necessário priorizar as políticas de saúde e segurança no trabalho para que a reativação produtiva e do emprego após a crise da COVID-19 seja segura e saudável.

A avaliação é de novo relatório publicado na sexta-feira (22) por Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O documento ressalta que esse processo exigirá a participação de empregadores e trabalhadores para a fundação de políticas de retorno.

A edição nº 22 do relatório em espanhol “Conjuntura Laboral na América Latina e no Caribe: o trabalho em tempos de pandemia – desafios diante da doença do novo coronavírus (COVID-19)” foi apresentada em Santiago e em Lima, durante coletiva virtual liderada pela secretária-executiva da CEPAL, Alicia Bárcena, e pelo diretor regional da OIT para a América Latina e o Caribe, Vinícius Pinheiro.

Além de fornecer estimativas sobre a dinâmica do mercado de trabalho nos últimos meses, o relatório conjunto explora algumas das políticas implementadas pelos países para proteger o emprego formal, preservar a renda dos trabalhadores e das trabalhadoras na economia formal e informal, e proteger o setor produtivo.

Segundo o documento, a implementação de políticas de reativação exigirá um forte componente de formação e educação em segurança e saúde para os atores do mundo do trabalho.

Isso requer recursos institucionais e orçamentários reforçados que garantam sua conformidade e devem incluir boas práticas, como a implementação de um protocolo de saúde e segurança no trabalho que inclua a preparação de equipes, a adoção de horários de entrada e saída diferenciados para evitar aglomerações, rotinas de desinfecção e sistema de lavagem das mãos, uso obrigatório de máscaras e um protocolo para o caso de algum trabalhador apresentar sintomas.

Além disso, o documento acrescenta que, caso a crise se prolongue por mais tempo, uma nova rodada de medidas será necessária, visando proteger o emprego e a renda dos trabalhadores e limitar o impacto nas empresas, com foco especial nos grupos vulneráveis, como migrantes em situação não regulamentada, trabalhadoras domésticas e cuidadores de idosos, trabalhadores informais assalariados e autônomos em setores críticos e trabalhadores da saúde na primeira linha de resposta à COVID-19.

Olhando para o futuro, os oficiais das Nações Unidas afirmaram que a crise está começando a forjar mudanças no mundo do trabalho, que serão permanentes com o objetivo de avançar em direção a um “normal melhor”. “As políticas de recuperação devem visar não apenas um ‘novo normal’ semelhante ao anterior, mas um ‘melhor normal’ com maior formalidade, equidade e diálogo social”, disseram Bárcena e Pinheiro.

Quanto à conjuntura, a CEPAL e a OIT indicam que a pandemia tem gerado fortes efeitos negativos sobre o mercado de trabalho, com consequências nos setores formal (redução de horas, queda de salários e demissões) e informal (queda de emprego devido ao distanciamento e à proibição de circulação, menor acesso à compensação de renda).

Da mesma forma, eles alertam que as mulheres trabalhadoras são as mais vulneráveis e que setores intensivos em mão de obra como os de turismo, comércio, manufatura, imobiliário e entretenimento, foram fortemente afetados. Além disso, as micro e pequenas empresas concentram 46,6% do emprego total na região e enfrentam um risco alto de falências.

Antes da pandemia, a região da América Latina e do Caribe apresentava um crescimento baixo e, em 2020, espera-se a pior contração econômica desde 1930, com uma queda estimada no Produto Interno Bruto (PIB) de 5,3%, o que terá efeitos negativos sobre o mercado de trabalho.

Prevê-se um aumento da taxa de desocupação de pelo menos 3,4 pontos percentuais, atingindo 11,5%, o que equivale a mais de 11,5 milhões de novos desempregados. Se a contração econômica se aprofundar, a taxa de desocupação será maior.

Juntamente ao aumento do desemprego, espera-se uma deterioração acentuada na qualidade do emprego, indicou o relatório. O trabalho informal é a fonte de renda para muitos lares na América Latina e no Caribe, onde a taxa média de informalidade é de aproximadamente 54%, segundo estimativas da OIT, uma situação que afeta os grupos mais vulneráveis.

Além disso, de acordo com os cálculos da OIT, a crise de saúde causada pela COVID-19 e as medidas de confinamento causam uma perda de cerca de 10,3% das horas de trabalho no segundo trimestre deste ano, equivalente a 31 milhões de empregos em tempo integral (considerando-se uma jornada de 40 horas semanais).

Essa situação afetará negativamente a dinâmica da pobreza e da desigualdade e a consecução dos compromissos da Agenda 2030, acrescentam as agências da ONU.

A CEPAL estima que em 2020 a taxa de pobreza deve aumentar até 4,4 pontos percentuais e a pobreza extrema 2,6 pontos percentuais em relação a 2019. Isso significa que a pobreza deve atingir 34,7% da população latino-americana (214,7 milhões de pessoas) e a extrema pobreza, 13% (83,4 milhões de pessoas). A desigualdade também deve crescer em todos os países da região, com aumentos no índice de Gini entre 0,5% e 6,0%.

Além da pobreza, grandes grupos populacionais vivem em condições crônicas de insegurança econômica e são vulneráveis à perda de renda do trabalho. Portanto, a CEPAL propôs uma renda básica de emergência (IBE) com um valor igual a uma linha de pobreza por seis meses para atender às necessidades básicas e sustentar o consumo das famílias. Isso significaria uma despesa adicional de 2,1% do PIB para cobrir todas as pessoas que se encontram em situação de pobreza em 2020.

Nesse âmbito, o objetivo estratégico de longo prazo é a implementação gradual de uma renda básica universal, apoiada por mecanismos de financiamento sustentáveis e inovadores, acrescenta a Comissão.

O relatório reitera que é necessário repensar o modelo de desenvolvimento e consolidar as dimensões econômica, social e ambiental do desenvolvimento sustentável, sem deixar ninguém para trás, como destaca a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Da mesma forma, paralelamente às políticas trabalhistas, é necessário um sistema de proteção social baseado em um enfoque de direitos, sensível às diferenças, com políticas universais, redistributivas e solidárias.

FONTE: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---sro-santiago/documents/publication/wcms_745573.pdf



Global Crisis Response Platform
Humanitarian and Crisis Transition Activities

Casos de COVID-19 na América do Sul representam 87% do total da América Latina; OIM pede recursos

A COVID-19 chegou à América do Sul mais tarde do que a outras regiões, mas, em 21 de maio, dos 563.550 dos casos da doença relatados na América Latina pela Organização Mundial da Saúde (OMS), 491.499 estão nos países sul-americanos (87% do total).

O Brasil se tornou o país com o maior número de infecções pelo novo coronavírus na América Latina. Em todo o mundo, apenas os Estados Unidos e a Rússia registraram mais casos.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) lançou na semana passada (22) um apelo urgente, buscando 21,2 milhões de dólares para aliviar o impacto da pandemia de COVID-19 sobre os refugiados e migrantes mais vulneráveis e suas comunidades anfitriãs em dez países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

A COVID-19 chegou à América do Sul mais tarde do que a outras regiões, mas, em 21 de maio, dos 563.550 dos casos da doença relatados na América Latina pela Organização Mundial da Saúde (OMS), 491.499 estão nos países sul-americanos (87% do total).

O Brasil se tornou o país com o maior número de infecções pelo novo coronavírus na América Latina. Em todo o mundo, apenas os Estados Unidos e a Rússia registraram mais casos.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) lançou na semana passada (22) um apelo urgente, buscando 21,2 milhões de dólares para aliviar o impacto da pandemia de COVID-19 sobre os refugiados e migrantes mais vulneráveis e suas comunidades anfitriãs em dez países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

O Plano Regional de Resposta a Refugiados e Migrantes (RMRP) para a América do Sul é uma resposta abrangente e coordenada que aborda preocupações imediatas com a

saúde, bem como o impacto socioeconômico de longo prazo da COVID-19. O plano também visa combater a desinformação que pode levar a sentimentos anti-migrantes, estigma e xenofobia.

Além dos riscos diretos à saúde da COVID-19, refugiados e migrantes na América do Sul estão enfrentando desafios socioeconômicos e de proteção significativos e exacerbados. Com a desaceleração econômica, refugiados e migrantes estão entre as comunidades mais vulneráveis em risco de estigmatização e exclusão.

“A América do Sul agora está se tornando uma das regiões mais afetadas em todo o mundo, ocupando o terceiro lugar em termos de número de casos confirmados de COVID-19, depois dos EUA e da Europa”, disse Adriana Escariz, diretora regional da OIM para a América do Sul.

“Milhões de migrantes na região precisam de ajuda urgente, especialmente os mais vulneráveis”, acrescentou. “É urgentemente necessário financiamento para responder à COVID-19 em uma região que já enfrenta a saída de refugiados e migrantes venezuelanos, uma das maiores crises de deslocamento externo do mundo.”

Os países da América do Sul adotaram medidas restritivas de mobilidade humana para reduzir o impacto da pandemia. Bloqueios, toques de recolher, fechamentos de empresas e fronteiras fizeram com que os migrantes perdessem seus empregos, com impactos negativos nas rendas e nas remessas, muitas vezes resultando na perda de seu status migratório regular e bloqueando a possibilidade de retorno.

Todos esses fatores aumentam substancialmente a vulnerabilidade. O fechamento de fronteiras causou uma situação premente para centenas de indivíduos isolados, alguns incapazes de atender às necessidades mais básicas, incluindo alimentação, acomodação e assistência médica.

Existem cerca de 10 milhões de migrantes que vivem na América do Sul de diferentes países da região e do mundo. Destes, 80% são migrantes intra-regionais, sendo a migração da Venezuela a mais importante em termos quantitativos.

No geral, as condições dos espaços urbanos na América do Sul são frágeis devido a problemas como o déficit em transporte público e serviços de saúde e também a concentração de assentamentos informais.

Um novo padrão de migração interna emergiu dessa crise, com um número significativo de migrantes internos que se deslocam dos grandes centros urbanos para as pequenas cidades e vilas rurais localizadas nas províncias, devido à perda de emprego ou interrupção do trabalho no setor informal.

De acordo com o plano global da OIM, o plano regional para a América do Sul concentra-se em quatro prioridades estratégicas nos níveis comunitário, nacional e regional, que são:

Garantir uma resposta bem coordenada, informada e oportuna por meio de sistemas de rastreamento de mobilidade e fortalecimento de parcerias e estruturas de coordenação estabelecidas nos níveis comunitário, nacional e regional.

Contribuir com os esforços globais, regionais, nacionais e comunitários de preparação e resposta à COVID-19 para reduzir a morbimortalidade associada.

Garantir o acesso das pessoas afetadas a serviços e mercadorias básicos, especialmente às pessoas em condições mais vulneráveis, incluindo cuidados de saúde e serviços sociais e de proteção.

Apoiar parceiros internacionais, nacionais e locais para responder aos impactos socioeconômicos do COVID-19.

A Plataforma Global de Resposta a Crises da OIM fornece uma visão geral dos planos e requisitos de financiamento da OIM para responder às crescentes necessidades e aspirações daqueles afetados por, ou em risco de, crise e deslocamento em 2020 e além. A Plataforma é atualizada regularmente à medida que as crises evoluem e surgem novas situações.

FONTE <https://crisisresponse.iom.int/>



Empresas pedem atenção ao clima nos planos governamentais de recuperação da COVID-19

O Pacto Global da ONU, a iniciativa Science Based Targets (Metas baseadas na ciência), e a coalizão We Mean Business reuniram mais de 150 empresas que pedem que os líderes mundiais incluam ações climáticas ousadas no planejamento dos esforços de recuperação da COVID-19. Juntas, estas empresas empregam 5 milhões de pessoas em 33 países – incluindo o Brasil – e movimentam um mercado de 2,4 trilhões de dólares.

Os dirigentes das empresas assinaram o documento “Unindo Negócios e Governos para se Recuperar Melhor”, onde fazem o apelo aos líderes mundiais, lembrando que “a saúde humana depende da saúde do planeta”. Para eles, uma ação climática ambiciosa é mais necessária do que nunca.

“Enfrentamos uma pandemia global que devasta as pessoas e seus meios de vida, interrompendo as cadeias de suprimentos, aprofundando gravemente as desigualdades e desfazendo progressos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Ao mesmo tempo, continuamos a enfrentar uma emergência climática global com impactos irreversíveis para as pessoas e todos os sistemas naturais que nos

sustentam”, diz o documento. Para os empresários, as crises são interconectadas e é preciso enfrentar ambas.

Os signatários se comprometem a alcançar uma economia de carbono zero e pedem que os governos priorizem uma transição mais rápida e justa para uma economia verde, “alinhando políticas e planos de recuperação com a mais recente ciência do clima”.

Clique [aqui](#) para ler o documento e conhecer as empresas – inclusive as brasileiras – que o assinam.

Informações para a imprensa:

Matthew Hunter
UN Global Compact
+1 (631)-829-4275
media@unglobalcompact.org

FONTE: <https://www.pactoglobal.org.br/noticia/448>



Hackathon virtual reúne 82 propostas de transformação social diante da pandemia

A maratona virtual de desenvolvimento HACKCOVID19, realizada entre 15 e 17 de maio, reuniu 983 participantes para pensarem soluções tecnológicas para os problemas impostos pela pandemia da COVID-19. Ao fim do hackathon, 82 propostas de soluções tecnológicas foram enviadas por brasileiros e estrangeiros residentes em diversas partes do mundo. Os participantes puderam se envolver de duas formas: como “hackers” para desenvolver um projeto em equipe; ou como ativadores para propor desafios.

As soluções propostas serão avaliadas, até o final deste mês, por uma equipe diversa de jurados e os participantes concorrerão a três prêmios “Cientistas pela Vida” na categoria geral e a um prêmio na categoria computacional.

O HACKCOVID19 é um hackathon, ou seja, uma maratona de programação em que desenvolvedores – às vezes chamados de “hackers” – se reúnem para trabalhar em códigos, discutir ideias e criar projetos com objetivos comuns. A iniciativa é do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

A coordenadora da unidade de Paz e Governança do PNUD, Moema Freire, afirmou que o HACKCOVID19 foi importante para o engajamento da população na construção de soluções inovadoras para os desafios de resposta e recuperação à pandemia. “Esperamos que os projetos desenvolvidos possam gerar resultados muito em breve para a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento do país”.

O evento

Durante os dias que antecederam a “maratona”, houve uma programação de palestras e discussões nas quais diferentes atores abordaram os problemas enfrentados no momento de pandemia. De fake news a virologia, de modelagens matemáticas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), as palestras tiveram a proposta de motivar os “hackers” a definir os problemas que abordariam ao iniciar o desenvolvimento das aplicações. Nessa etapa, o PNUD colaborou facilitando a discussão sobre desafios à economia e ao desenvolvimento gerados pela pandemia.

“Foi uma etapa importante, para dar destaque ao que a sociedade trouxe como relevante, assim, os hackers puderam focar no que é útil para a comunidade”, explicou o organizador do HACKCOVID19 Marcelo Albuquerque.

Segundo Marcelo Albuquerque, os critérios para selecionar os projetos vencedores são criatividade, aplicabilidade, pitch (apresentação aos investidores) e disruptividade da inovação (quão moderna e nova ela é). “A tecnologia, por si só, não significa nada. Para significar, ela tem que ser inserida na vida das pessoas. Ela só tem sentido se as pessoas passarem a usá-la, tiverem acesso a ela. No Brasil, devido à desigualdade, esse é um desafio ainda maior – esse hackathon quer que a tecnologia, com significado, chegue ao maior público possível”, concluiu.

Veja abaixo a entrevista com Marcelo Albuquerque, um dos organizadores do HACKCOVID19

PNUD: Como surgiu a iniciativa de promover um evento como o HACKCOVID19?

Em março de 2020, dois pesquisadores do CBPF, ao perceberem como a Alemanha estava reagindo bem ao enfrentamento da pandemia, propuseram que poderíamos fazer um movimento semelhante para mobilizar a sociedade brasileira para desenvolver aplicativos capazes de resolver demandas sociais com o apoio de pesquisadores. Mobilizamos diversas instituições e pesquisadores relevantes para convidar a sociedade a identificar e divulgar suas principais demandas de viés científico e, assim, auxiliar os desenvolvedores a conhecerem as demandas da comunidade. Com esse objetivo, em primeiro lugar, o evento chamou a sociedade, fez um “esquenta”, com pessoas de diferentes áreas: social, médica, virologia, entre outras, para que cada um desses atores falasse sobre como vêem os problemas nessa fase de pandemia. Desse modo, foi possível formar conceitos e iniciar o desenvolvimento das aplicações.

PNUD: Como um evento como o Hackovid contribui para promover os ODS?

A equipe do PNUD Brasil fez uma palestra, durante os preparativos do evento, abordando questões como a maturidade científica e a contribuição que as instituições de pesquisa podem dar para o desenvolvimento sustentável. A ciência é uma metodologia, uma forma de raciocinar em torno de um problema. O papel da ciência, neste momento, é nos trazer possibilidades de raciocínio mais concreto: trazer os problemas da sociedade e usar o método científico para produzir respostas. Esse é um momento de melhorar o acesso aos conhecimentos, de trazer para discussão os conceitos científicos, entender o papel que a ciência tem para buscar soluções. Nas palestras, foram abordados temas como a modelagem matemática, o uso de dados e outros conceitos que a ciência está trabalhando diretamente. A partir disso, pensamos: como isso pode ser aplicado para a solução de problemas mais imediatos?

PNUD: Como foi a experiência de promover um evento de forma totalmente virtual?

No começo de abril, ainda estávamos discutindo se faríamos o evento e, um mês depois, ele estava acontecendo. Tinha que ser feito agora! Foi uma maratona fazer um evento tão grandioso, com 983 participantes em um mês. Recebemos 225 demandas gerais da sociedade, que foram organizadas e selecionadas. Entre elas: como posso saber se alguém está infectado com o vírus? Como combater fake news? Como posso testar rapidamente e descobrir se uma pessoa está infectada? Como posso promover a interação entre comunidades? Como saber se um idoso saiu de casa? Dentre elas, mais de 155 demandas eram da área da saúde.

PNUD: Como será a etapa de avaliação das candidaturas?

A comissão será composta por um membro indicado pelas instituições que organizaram o evento e uma das instituições apoiadoras, compondo o todo com diferentes olhares. Teremos duas categorias de prêmio, uma geral (com três vencedores) e uma na área computacional (com um vencedor). O nome da premiação é “Cientistas pela Vida”, e o resultado deve ser divulgado até 31 de maio. Os critérios de julgamento são: criatividade do projeto, como aplicar dentro da realidade que existe, apresentação do pitch – como fala do investidor –, a disruptividade da inovação e a viabilidade para transformar o que foi feito em algo tecnológico.

PNUD: Qual o papel da tecnologia para promover a transformação social?

O acesso à tecnologia é o grande desafio da sociedade moderna. A tecnologia, por si só, não significa nada. Para significar, ela tem que ser inserida na vida das pessoas. Ela só tem sentido se as pessoas passarem a usá-la, tiverem acesso a ela. No Brasil, devido à desigualdade, esse é um desafio ainda maior – esse hackathon quer que a tecnologia, com significado, chegue ao maior público possível. Sou um grande defensor da ciência e da tecnologia para que a vida das pessoas seja melhor. Isso permite que a gente passe pela pandemia de uma forma melhor. A ciência é um debate constante, um debate transparente, não é uma resposta fechada.

FONTE: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2020/hackathon-virtual-reune-82-propostas-de-transformacao-social-dia.html>

OPAS compartilha com Brasil estudo espanhol sobre manifestações do novo coronavírus na pele

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) tem buscado entender melhor os sinais e sintomas da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, compartilhando esse conhecimento com os países. Para apoiar o Brasil, o organismo internacional tem realizado uma série de seminários virtuais com especialistas da Espanha.

O último deles, ocorrido na sexta-feira (22), tratou de recém-identificadas manifestações do novo coronavírus na pele. Na ocasião, foi apresentado um estudo de um grupo de pesquisadores da Espanha, que descreve cinco padrões de lesões da pele que podem estar associadas à infecção por COVID-19 – em pacientes com variadas características demográficas, em distintos períodos e diferentes severidades.

As mais frequentes foram as erupções maculopapulares (encontradas em 47% dos casos), que são como manchas ou “bolinhas” vermelhas espalhadas pelo corpo. Também foram identificadas vesículas ou pústulas (pseudo-frieira – erupções na pele semelhantes a frieiras em pés e mãos), que foram encontradas em 19% dos casos. Urticárias também foram descritas em 19% dos casos.

Além disso, o grupo de pesquisadores identificou outras erupções vesiculares (caracterizadas por “bolinhas” vermelhas na pele) em 9% dos casos e livedo (espécie de “linhas” na pele) ou necrose em 6% deles.

Os resultados foram apresentados no dia 15 de maio por Ignacio García Doval, um dos autores do estudo e diretor de pesquisa da Academia Española de Dermatología y Venereología. O seminário contou ainda com uma discussão e troca de experiências com especialistas do Ministério da Saúde do Brasil, da Sociedade Brasileira de Dermatologia e da Sociedade Brasileira de Pediatria. Assista abaixo:

Para a OPAS, o compartilhamento desses conhecimentos é fundamental para que profissionais de saúde de todo o mundo possam identificar os sinais e sintomas da COVID-19. Isso é importante tanto para a oferta de tratamento em tempo oportuno, quanto para notificação, vigilância e diagnóstico de casos.

FONTE: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/bjd.19163>

FONTE: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/bjd.19163>

EVENTOS

WEBINAR 04/06/20 quinta/10hs	GESTÃO DE RISCO PARTICIPATIVA EM ESCOLAS QUADRO INTEGRAL DE SEGURANÇA ESCOLAR
Público alvo: Agentes de defesa civil, gestores escolares, professores, líderes comunitários, agentes públicos de educação.	
 A photograph showing several children from behind, looking out from under a large, translucent protective net or tent structure. The scene is dimly lit, suggesting an emergency or protective environment.	
TEMAS:	<ul style="list-style-type: none">• Pilares do Quadro Integral para Segurança Escolar• Alinhamentos com marcos globais• Formação de Comitês e Brigadas escolares• Passos para uma Escola Segura• Ferramentas para planejamento escolar• Estudo de Caso
FACILITADOR:	Rodrigo D'Almeida Especialista em gestão de risco participativa para ambientes escolares e comunidades e coordenador do Projeto Sharing Learning em parceria com a Save the Children.
<small>Inscreva-se: https://www.eventos.defesa-civil.org.br/inscricao/2020/06/04/gestao-de-risco-participativa-em-escolas atendimento: 24 99977 0909</small>	
 Logos of the participating organizations: Conselho Municipal de Defesa Civil, Defesa Civil Estado de São Paulo, Defesa Civil Campinas, and Save the Children.	

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>